



# Acompanhamento arqueológico das obras de remodelação do Salão Paroquial de Nespereira

Manuel Nunes\*, Paulo Lemos\*\* e Joana Leite\*\*\*

## Palavras-chave

Nespereira; Salão Paroquial; acompanhamento arqueológico; século XVIII

## Keywords

Nespereira; Salão Paroquial; archaeological accompaniment; XVIII<sup>th</sup> century

## Resumo

*O acompanhamento arqueológico das obras do projecto de remodelação/requalificação do Salão Paroquial de Nespereira, assim como a pesquisa documental associada, permitiu coligir um conjunto de dados de substancial interesse, não apenas para a compreensão do processo inerente à construção do actual edifício do Salão Paroquial, uma edificação globalmente datada do século XVIII, mas também para a própria história da administração eclesiástica e civil da freguesia, materializada através da detecção de uma inscrição memorativa e de um marco de propriedade incorporado na parede do alçado Noroeste do edifício.*

## Abstract

*The archaeological accompaniment of the remodelling/requalification project work of Salão Paroquial de Nespereira, and the associated documental research, has allowed to gather a set of data of substantial interest, not only to the understanding of the building itself, globally dated from the XVIII<sup>th</sup> century, but also to the story of ecclesiastic and civil administration of the Parish, materialized through the detection of a memorial inscription and a landmark incorporated in the wall of the Northeast wing of the building.*

---

\* Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada (manuel.nunes@cm-lousada.pt)

\*\* Arqueólogo (paplemos@gmail.com)

\*\*\* Arqueóloga (joana\_leite@netcabo.pt)

# 1. Introdução

Pretendendo a Fábrica da Igreja Paroquial de S. João Evangelista de Nespereira proceder à ampliação/reconstrução do edifício do Salão Paroquial, solicitou ao Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada a avaliação de impacto do projecto do ponto de vista arqueológico.

Apesar do edifício do Salão Paroquial não gozar de qualquer estatuto legal de protecção, inclusive ao nível do Plano Director Municipal

ainda em vigor, a sua proximidade face à Igreja Paroquial de Nespereira e ao sítio arqueológico do Cabeço do Outeiro, intervencionado em 2005 (Nunes e Leite, 2006; Leite *et al*, 2006), confere-lhe um resguardo legal que condiciona eventuais situações de obra a parecer prévio dos serviços de arqueologia da autarquia. Assim, e em face da avaliação realizada, procedeu-se à elaboração de um projecto de intervenção arqueológico com vista ao acompanhamento integral das obras de requalificação do imóvel, designadamente da limpeza e desmontagem de estruturas

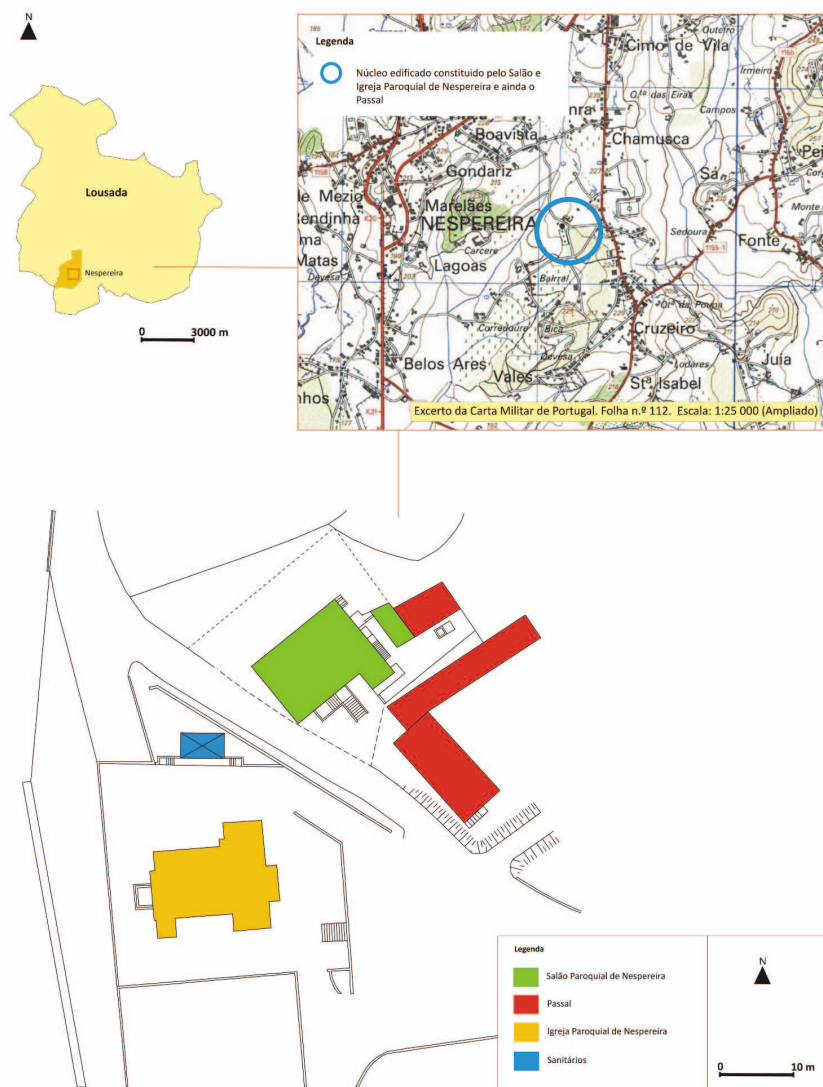


Figura 1. Localização da área de implantação do núcleo edificado composto pela Igreja, Salão Paroquial e respectivo Passal.

pétreas (paredes, alicerces, etc.), movimentação de terras (escavação e/ou aterro) e demais obras associadas, com o propósito de ampliar, reformular os espaços interiores e, finalmente, requalificar toda a envolvente.

O Salão Paroquial de Nespereira, cenicamente enquadrado pelo espaço físico do antigo Passal, uma propriedade actualmente na posse da Casa do Cáscere, localiza-se cerca de 30 m a Nordeste da Igreja Paroquial de Nespereira, no lugar da Igreja, freguesia de Nespereira, concelho de Lousada (N 41°15'11.7" / W 08°17'45.2"), na esfera de influência directa do templo paroquial, cujo adro e respectiva área de logradouro foram incluídos no âmbito dos sítios que integram a Carta Arqueológica do Concelho de Lousada (Cód. Inv. NES2/N.º Carto. 126) (Nunes et al, 2008:162) (Fig.1).

## 2. O salão paroquial: arquitectura e organização espacial

O edifício, com linhas eminentemente rectas e abundantes aberturas (janelas e frestas) ao nível do rés-do-chão e do andar, apresenta paredes duplas no rés-do-chão e andar das fachadas Sudeste e Sudoeste, e paredes de fiadas simples no último terço da fachada Noroeste (rés-do-chão e andar) e fachada Nordeste (Fig.2).

A espessura das paredes exteriores, confirmada durante a fase de demolição, é variável em função da sua estrutura e da sua localização, apresentando as seguintes medidas: nas fachadas Sudeste e Sudoeste, ao nível do andar, a espessura varia entre 73 e 80cm; ao nível do rés-do-chão, as mesmas fachadas, apresentam paredes mais espessas, oscilando entre 80 e 85cm. As fachadas de parede simples, com pedras de dupla face, encontram-se confinadas a uma pequena parte da fachada Noroeste (limite Norte) e à totalidade da fachada Nordeste, e revelam paredes menos robustas, com medidas que variam entre os 28 e 30cm, tanto ao nível do rés-do-chão como do andar.

Relativamente às paredes interiores, e excluindo as paredes simples em tijolo edificadas no século XX, localizadas na área Nordeste do edifício ao nível do andar, todas as divisórias, tanto no rés-do-chão como no andar, revelam paredes duplas com espessuras que oscilam entre 65 e 80cm.

No que concerne ao aparelho construtivo, verifica-se a presença de diferentes soluções de acordo com a fachada em análise. Assim, nos alçados Sudeste e Sudoeste pontua um aparelho em alvenaria de granito, genericamente de boa qualidade, com pedras grandes, bem afeiçãoadas e de talhe cuidado. Já os alçados Nordeste e Noroeste revelam uma solução distinta que se torna evidente através de uma notória mudança litológica. Com efeito, o recurso a rochas de menor qualidade (Tipo 5) e a total ausência de granitos do Tipo 2 (Tab. 1), de proveniência exterior ao concelho, utilizados nas cornijas, ombreiras e soleiras dos alçados Sudeste e Sudoeste, parece indiciar um menor investimento nas fachadas voltadas ao quadrante Norte. Por outro lado, e ao contrário do que acontece nas paredes expostas a Sul, o aparelho das fachadas Norte evidencia a presença de pedras mais pequenas com talhe grosso e irregular, frequentemente entremeadas por pedra miúda.



Figura 2. Vista geral dos alçados Sudoeste e Noroeste do Salão Paroquial antes das obras de requalificação.

Fachada	Utilização	Abundância	Litologia	Distribuição
Sudeste	Aparelho	Pouco abundante	Tipo 1	SE do concelho de Lousada, Marco de Canavezes e Guimarães
Sudeste	Cornija, ombreiras e soleiras	Abundante	Tipo 2	Braga, Amares, Póvoa de Lanhoso (sector SW)
Sudeste	Padieiras	Abundante	Tipo 3	Oeste de Lousada, Ponte da Barca, Monte Córdova (Santo Tirso) e Paços de Ferreira
Sudoeste	Aparelho	Pouco abundante	Tipo 1	SE do concelho de Lousada, Marco de Canavezes e Guimarães
Sudoeste	Aparelho	Abundante	Tipo 4	Oeste de Lousada, Ponte da Barca, Monte Córdova (Santo Tirso) e Paços de Ferreira
Sudoeste	Cornija, ombreiras e soleiras	Abundante	Tipo 2	Braga, Amares, Póvoa de Lanhoso (sector SW)
Noroeste	Aparelho	Abundante	Tipo 1	SE do concelho de Lousada, Marco de Canavezes e Guimarães
Noroeste	Aparelho	Abundante	Tipo 3	Oeste de Lousada, Ponte da Barca, Monte Córdova (Santo Tirso) e Paços de Ferreira
Noroeste	Aparelho	Pouco abundante	Tipo 5	Lousada (estreita faixa de direcção N-S de Boim até à Serra de Barrosas.
Noroeste	Ombreiras, padieiras e soleiras	Abundante	Tipo 3	Oeste de Lousada, Ponte da Barca, Monte Córdova (Santo Tirso) e Paços de Ferreira
Nordeste	Aparelho	Abundante	Tipo 1	SE do concelho de Lousada, Marco de Canavezes e Guimarães
Nordeste	Aparelho	Abundante	Tipo 3	Oeste de Lousada, Ponte da Barca, Monte Córdova (Santo Tirso) e Paços de Ferreira
Nordeste	Ombreiras, padieiras e soleiras	Abundante	Tipo 3	Oeste de Lousada, Ponte da Barca, Monte Córdova (Santo Tirso) e Paços de Ferreira

### Caracterização litológica

**Tipo 1.** Granito porfiróide de grão grosseiro, essencialmente biotítico. Apresenta diferentes graus de alteração patentes nas tonalidades claras até aos ocre.

**Tipo 2.** Granito de grão médio a fino, de duas micas, essencialmente biotítico, com homogeneidade no tamanho do grão e com constantes padrões de alteração.

**Tipo 3.** Granito de grão médio, essencialmente biotítico, com fenocristais de feldspato potássico com tendência para orientação preferencial.

**Tipo 4.** Granito de grão médio a grosseiro, porfiróide, essencialmente biotítico com feldspatos orientados.

**Tipo 5.** Corneana pelítica

Tabela 1. Inventário das litologias presentes nos diferentes alçados do Salão Paroquial de Nespereira (Hugo Novais).





Figura 3. Perspectiva interior da “loja” do Salão Paroquial de Nespereira, antes das obras de requalificação. Note-se o substrato geológico onde assentaram as fundações do edifício assim como a presença de uma porta selada na parede lateral (direita).

Em todas as fachadas verifica-se o preenchimento das juntas com cimento, fruto de um restauro operado no último quartel do século XX<sup>1</sup>.

Ao nível do rés-do-chão, todos os compartimentos, à excepção da “loja”, apresentam um nível de circulação que se desenvolve à mesma cota. Esta dependência, escavada no geológico e rebaixada cerca de 0,40 m em relação à cota da soleira da actual entrada voltada a Sudeste, apresentava primitivamente uma segunda porta voltada a Norte, que permitia a ligação directa com o “quinteiro” (Fig.3), um espaço delimitado fisicamente pelos muros da Quinta do Passal, e onde se localizava o poço e o tanque. Presentemente, a “loja” encontra-se destituída da sua função primitiva<sup>2</sup>, servindo apenas de depósito de materiais.

Quanto ao andar, o mesmo é sobrado, sendo o telhado de quatro águas, com telha do tipo marselha ou francesa, assente sobre uma estrutura em madeira rematada por uma cornija simples, que apenas subsiste nas fachadas Sudeste e Sudoeste do edifício.

O acesso ao edifício é feito, ao nível do rés-do-chão por várias portas simples, distribuídas por todas as fachadas, constituídas por ombreiras rectas e lisas e soleiras sobrelevadas. Ao nível do andar, o acesso é feito por uma imponente escadaria em “L”, com guardas (Fig.4).

Pese embora uma análise arquitectónica e estrutural do edifício permitir, a priori, inferir da existência de um núcleo edificado primitivo, balizado por paredes duplas, pela presença de material litológico de melhor qualidade e talhe mais apurado, a presença, nos diversos alçados,



Figura 4.-Fachada Sudeste do Salão Paroquial antes das obras de requalificação.

<sup>1</sup> Agradecemos ao Dr. Hugo Novais o inestimável contributo na análise litológica do aparelho do Salão Paroquial de Nespereira.

<sup>2</sup> Tradicionalmente a “loja” desempenhava a função de adega, acomodando igualmente o lagar e os utensílios para a produção de vinho. A partir dos primórdios do século XX, quando o Salão Paroquial deixou de funcionar como residência do pároco, a “loja” passou a ser um espaço de arrumos, acomodando, inclusive, as urnas funerárias utilizadas para transportar os defuntos entre a igreja e o cemitério (Pacheco, com pess).

de reformulações que postam as mais diversas interpretações e assumpções, projectaram dúvidas cujas respostas se procuraram obter em sede de acompanhamento, uma vez que todo a área Noroeste do edifício seria alvo de demolição e posterior desaterro para rebaixamento dos níveis de circulação.

### 3. Enquadramento histórico

O Salão localiza-se junto à Igreja Paroquial da freguesia de Nespereira, edifício que surge mencionado nas Inquirições de Afonso III como *Ecclesiam Sancti Johannis Nesperia* (PMH Inq. 1258:546-547).

O templo paroquial, de fundação medieval, certamente anterior ao século XII<sup>3</sup>, encontra-se actualmente profundamente alterado na sua traça. Com efeito, ao longo dos tempos, foi alvo de sucessivas reformulações, a última das quais ocorreu na década de 60 do século XX, altura em que o templo de compleição setecentista foi parcialmente demolido. Durante a fase de demolição e reedificação do actual edifício, foram detectados diversos enterramentos junto ao pano Norte do templo, alguns dos quais, presumivelmente, atribuíveis à Época Moderna<sup>4</sup>.

Para além da parede da cabeceira da capela-mor, de alguns elementos decorativos reaproveitados, designadamente entablamentos, frontões, pináculos (século XVIII) e cruzeiros (século XVII) que actualmente encimam o edifício, de um conjunto de vários painéis de azulejos hispano-árabes de aresta e alicatados, datados do século XVI, recolhidos nos entulhos provenientes da demolição da antiga construção (Nunes et al, 2008:162-163) e das breves linhas deixadas sobre o templo nas Memórias Paroquiais de 1758<sup>5</sup>, nada resta que ateste a arquitectura do primitivo templo medieval da Paróquia de Nespereira (Fig.5a 5b).

É, pois, neste contexto que, em data indeterminada, se verifica a edificação do Salão Paroquial de Nespereira. A mais antiga notícia relativamente ao edifício remonta a 6 de Outubro de 1741, data em que o visitador, após constatar o estado da Igreja Paroquial de S. João de Nespereira e da respectiva Residência Paroquial, informa: (Fólio 69) *Tambem achei que as cazas da residencia se acham muito velhas e ameassando ruina em grande parte e por isso mando que o Reverendo Abbade as concerte e reforme em forma que possam servir de habitaçam com segurança e sem perigo ate o tempo que se fizer a proxima vezita e não fazendo assim dava conta ao Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo ou a quem per elle formandado (...)* (LVN - 1659-1766. Fólio

<sup>3</sup> A leitura de uma referência contida em carta de venda datada de 1113 (DMP, 1940:393, doc. n.º 459; Miranda, 1946:58; Lopes, 2004:285; Nunes et al, 2008:161-162; Nunes, 2009:66), a propósito da descrição dos limites da Vila Bolio (actual Lugar da Bola, sito na mesma freguesia de Nespereira e onde abundam os vestígios ceramológicos de tradição romana e alto-medieval), dá conta, nos seguintes termos, da existência da referida igreja: «(...) villa quod dicture Bolio quod fuit de cocrum meum Mofarrig Azaqui cum suis montis antiquis cum pascuis et terras ruptas et inruptas cum sesega molinorum et suis fontis, id est perimiter quomodo descendit illo fontano de Monte de Asinos et pergit pró as illo fontano er uadit trans illo rego qui est pró ad illa fontanina et postea descendit per illo uallo de Ihoanne Aurifex et inde uadit ad illas petras de illa ecclesia (...)».

<sup>4</sup> Agradecemos as informações facultadas pelo Sr. Pacheco “d’Além”, antigo operário que laborou na demolição e reedificação do templo paroquial de Nespereira, e cujo teor é corroborado pelas referências contidas no “Livro das Visitações de Nespereira, 1659-1766”. Com efeito, em 1755, mandava o visitador (Fólio 84) *Que a freguezia no termo de quatro mezes mandará engessar o tecto da Igreja, e tapar o adro de sorte que fique vedado, e nelle fazer meya dúzia de sepulturas com suas campas de pedra para ahi se sepultarem os corpos, e estarem com a decencia devida.* Mais tarde, em 1763, e após nova visitação, ficou escrito pelo visitador que (Fólio 92) *Pelas campas das sepulturas do adro desta Igreja se acharem mais altas que a superficie da terra, e serem mais necessarias tres mando que os freguezes as fação de novo e as antigas as rebachem de forma que não impeção a entrada na Igreja, e as procioens no termo de tres mezes.* (LVN - 1659-1766. Fólio 84,92).

<sup>5</sup> *Hé orago desta dita freguezia São João Evangelista, cuja imagem está collocada no Altar Mór da dita Igreja, e tem trez Altares: hum na cappella mór, e outro da parte do Evangelho de Nossa Senhora do Carmo; e outro para a parte da Epistola de S. Braz. Não tem naves esta Igreja, nem Irmandades.* (Machado, 2008:191).



Figura 5a. Vista geral do actual templo paroquial de Nespereira (vista Sudeste).

67,69). De facto, esta informação revela-se preciosa no que toca ao aventar de uma provável cronologia fundacional do edifício. Com efeito, se em 1741 a primitiva residência se achava velha e ameaçando ruína, poderemos supor um período longo de incúria face ao edifício e respectivos anexos, remetendo a sua fundação então, para os inícios do século XVIII, ou mais provavelmente para o último quartel da centúria de Seiscentos.

Reforçando esta ideia de degradação expressa pelo visitador em 1741, encontrámos, na mesma obra, e logo em 1742 (19 de Outubro), uma nova referência à situação, reiterando a necessidade urgente de obras no edifício: (Fólio 70) *Mando que em tudo se cumprão e goardem ao capitulos das vizitaçoens antecedentes sob as penas nelles cominadas. E porque nella se não cominarão penas ao Reverendo Parocho a respeito da inexcuravel reedificação das cazas da rezidencia que estão indecentes e perigozas para habitação humana que mais para cazas que dizem respeito a Igreja, lhe não executo pena alguã, porem lhe estranho o não haver dado principio a esta obra, e mando com toda a brevidade se lhe de, fazendo cazas* (Fólio 71) *cazas parochiais comdecencia e sigurança sob pena de que achandose continuada a sua omissão nesta materea se lhe executarão sincoenta mil reis na vizita futura que nesta prezente lhe commino de pena de baixo*



Figura 5b. Pormenor do remate da cabeceira da capela-mor da Igreja Paroquial de Nespereira, um dos derradeiros vestígios do templo Setecentista.

*da qual proverá da fabrica insinuada na vezita preterida., e lhe mandará revocar a capella mayor, e sancristia no termo de hum mez* (LVN - 1659-1766. Fólio 70 e 71)<sup>6</sup>.

Já em 26 de Abril de 1758, no âmbito dos inquéritos paroquiais lançados pelo Marquês de Pombal, o memorialista abade Gaspar Teixeira Álvares, omitindo qualquer menção ao estado de conservação do edifício da Residência Paroquial de Nespereira, descreve-o nos seguintes termos: *Está a Rezidencia paroquial, Igreja e Paçal no meyo da freguezia [São João de Nespereira], fora das ditas aldeas, sem que tenha vezinho algum, as quaes por todas são dezasete (...)* (Magalhães, 2009:191). Esta condição é corroborada pelo silêncio das visitas subsequentes, já que nenhuma referência ao estado de conservação do edifício volta a ser incluída nos textos do visitador, sinal evidente da regularização da situação. Fosse

<sup>6</sup> Agradecemos a colaboração e as informações gentilmente cedidas pelo Dr. Pedro Magalhães relativas à transcrição e ao teor do “Livro das Visitações de Nespereira, 1659-1766”.

através da realização de obras de recuperação do imóvel, ou pela construção de um edifício de raiz, o facto é que num período relativamente curto de tempo, entre 1742 e 1766, data da última visitação, a paróquia parece ter encontrado uma solução definitiva para o problema levantado pelo adiantado estado de degradação da residência paroquial.

## 4. Acompanhamento arqueológico

As obras de requalificação do Salão Paroquial tiveram início em Outubro de 2009, altura em que se iniciaram, também, os trabalhos de acompanhamento arqueológico. Esta fase, que se prolongou até Dezembro de 2009, incluiu o acompanhamento, tanto das demolições como dos trabalhos de desaterro para a abertura dos caboucos destinados às fundações da ampliação do alçado NO do edifício e rebaixamento da cota de circulação de toda a área útil do rés-do-chão.

Os trabalhos de acompanhamento foram antecidos de um conjunto de procedimentos técnicos destinados à salvaguarda da informação e da realidade existente na área intervencionada. Assim, procedeu-se a um detalhado levantamento fotográfico dos alçados e interiores do edifício, bem como da envolvente; procedeu-se ao levantamento topográfico da área, com vista à implantação do edifício e envolvente (Igreja Paroquial, Passal e acessos); realizaram-se trabalhos de prospecção sistemática na envolvente da área afectada, num raio de 150 m; foram executados trabalhos pontuais de limpeza em sectores específicos do edifício e dependências anexas (e.g. poço, tanque) e ainda o levantamento das características litológicas dos diferentes alçados.

Durante a desmontagem mecânica das estruturas edificadas<sup>7</sup> procedeu-se à análise, registo e inventariação de todos os elementos pétreos susceptíveis de revelarem decoração, forma e/ou talhe considerado de relevo. Aqueles elementos que se revelaram de especial interesse foram alvo, após limpeza e consolidação, de tratamento particular, com recurso a registo gráfico e fotográfico.

Relativamente à fase de terraplenagem, que incluiu o alargamento para Oeste da plataforma do edifício, até aí limitada por um muro de suporte de terras, foram observadas e registadas as estratigrafias detectadas ao longo das valas de fundação. O mesmo procedimento foi observado para o desaterro efectuado no interior do edifício, com vista ao rebaixamento da cota do rés-do-chão.

## 5. Resultados

Durante a fase de prospecção, que antecedeu o acompanhamento formal, foi identificado no “quinteiro” do Salão Paroquial, na face Este do murete que delimita um poço atulhado em anos recentes, um silhar granítico epigrafado (Fig.6a e 6b). O silhar, com forma paralelepípedica revelou uma inscrição com algarismos e siglas capitais em bom estado de conservação, disposta ao longo de uma única linha<sup>8</sup>.

Apesar da infrutífera tentativa de leitura integral da inscrição, por manifesto desconhecimento do contexto em que terá sido lavrada, tendo em conta o tipo e a forma dos caracteres, bem como a disposição do campo epigráfico, aventa-se a possibilidade de se tratar de uma inscrição memorativa, possivelmente associada à construção do poço e, portanto, presumivelmente coeva da reedificação do salão paroquial, no século XVIII. A possibilidade de se tratar de uma pedra epigrafada reaproveitada

<sup>7</sup> Durante a fase de demolição, e após a remoção da cobertura e dos pisos em madeira do andar, foram desmontadas, sequencialmente, as dependências exteriores, a fachada Noroeste, as paredes interiores do andar e posteriormente as do rés-do-chão.

<sup>8</sup> Medidas: Silhar: 148cm x 62cm x 20cm; Linha epigráfica: 59cm; Altura das letras: max.16cm; min.15cm.





Figura 6a. Aspecto do murete do poço e respectivo silhar epigrafado a quando da sua detecção durante os trabalhos de prospecção.

de um edifício entretanto desaparecido<sup>9</sup>, conforme ventilado recentemente (Nunes *et al*, 2010:3), parece agora improvável, uma vez que a posterior limpeza da estrutura do poço e do tanque anexo veio confirmar a similitude morfológica do material litológico empregue na edificação destas construções assim como a sua proveniência comum, sendo todas as pedras igualmente semelhantes na forma, no tamanho e na qualidade do pico.

A fase de demolição, que incidiu sobre a parede externa da fachada Noroeste e incluiu as divisórias interiores de todo o edifício, revelou, conforme explanado na análise arquitectónica do edifício (ponto 2), as características paredes duplas ao nível das fachadas Sudeste, Sudoeste, Noroeste (parte) e parede interior Nordeste, bem como alguns panos de parede simples, com pedras de dupla face, localizados na fachada Noroeste (limite Norte) e na totalidade da fachada Nordeste, tanto no rés-do-chão como no andar (Fig.7). A zona exacta de contacto entre paredes duplas e paredes simples, indiciando uma reformulação com vista à ampliação da área Norte do edifício, foi confirmada durante a fase de demolição da fachada Noroeste – através da presença de brechas e fissuras no material



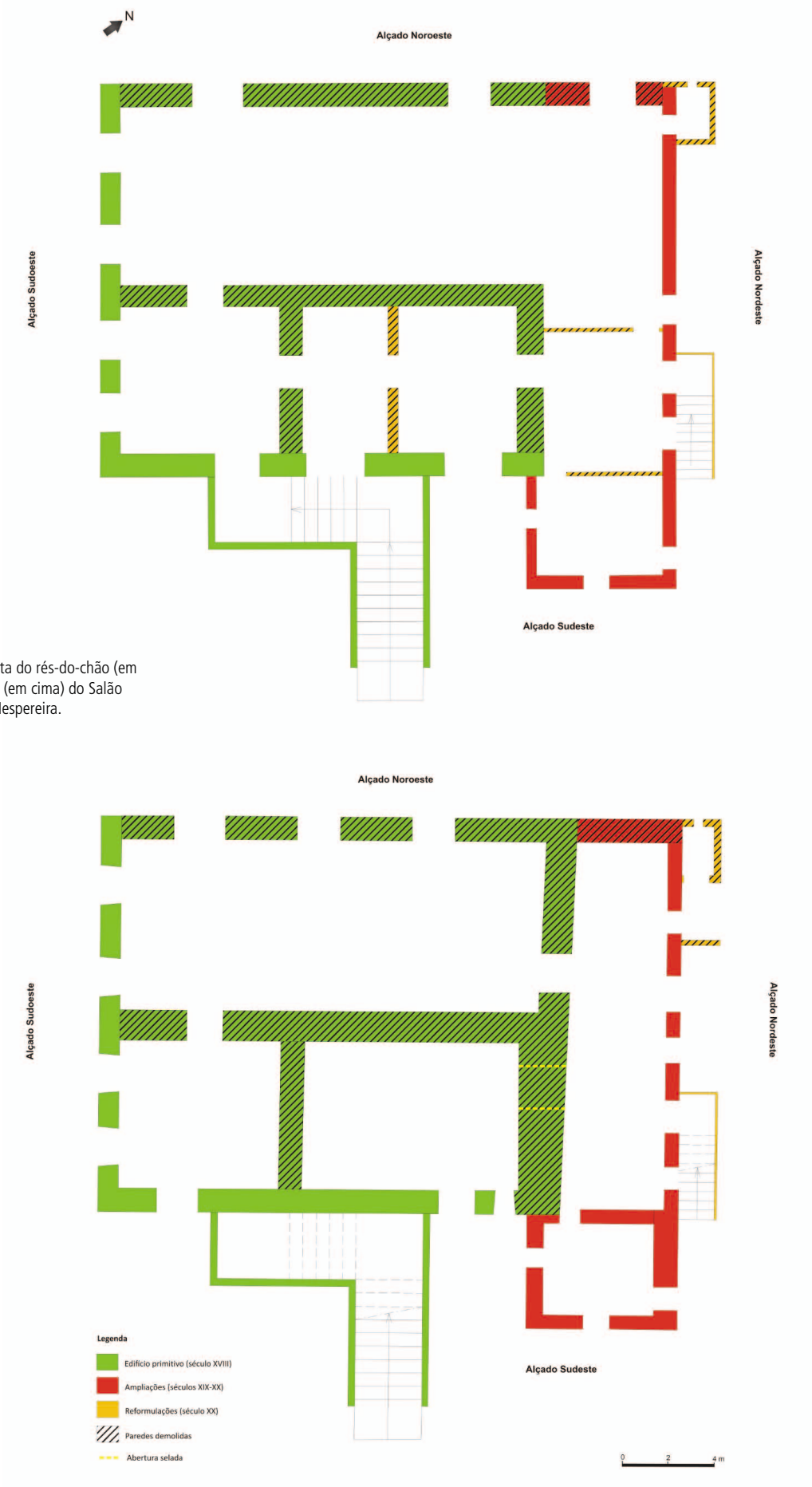
Figura 6b. Inscrição memorativa identificada no murete de delimitação do poço situado no “quinteiro” do Salão Paroquial.

litológico e nas argamassas que o consolidavam – e das paredes interiores adossadas à fachada Sudeste (Fig.8). Por outro lado, como adiante se verá, a presença de elementos pétreos reaproveitados é outra característica desta área “nova” do Salão Paroquial.

Constatou-se, igualmente, que as fachadas Sudeste, Sudoeste, parte da fachada Noroeste e ainda a parede divisória que definia, a Nordeste a área de demolição, apesar de apresentarem aparelhos com acabamentos e materiais distintos, revelaram paredes duplas estruturalmente interligadas, coevas entre si, que suportavam uma área edificada de planta quadrangular correspondente ao edifício primitivo, suposição, de resto, sustentada pelas posteriores acções de desaterro (Fig.9 e 10).

Ainda durante a fase de demolição, foi detectado na fachada Noroeste do Salão, junto a uma das janelas do andar, integrando o aparelho de paredes simples da área nova do edifício, um bloco de pedra paralelepípedo evidenciando uma representação iconográfica. Trata-se de uma reprodução da Cruz de Cristo, em baixo-relevo, inserta num halo circular (Fig.11). A representação, embora degradada, e tendo como suporte material um granito de grão grosso, é semelhante a uma outra, detectada em 2007, associada a um marco de propriedade, presumivelmente da Ordem de Cristo, que primitivamente se localizaria no lugar do Barroco,

<sup>9</sup> Recorde-se que junto ao actual edifício do Salão Paroquial (a poente) existiram, até meados do século XX, diversas estruturas de habitação pertencentes ao Passal (actual Quinta da Igreja), que posteriormente foram demolidas.







**Figura 8.** Pormenor da zona de contacto entre paredes duplas e simples da fachada Sudeste, correspondente a uma ampliação que reconfigurou, entre o século XIX e XX, a volumetria do edifício.

na Mata dos Cardais, na raia entre as freguesias de Nespereira e Lodares<sup>10</sup> (Fig.12) (Nunes *et al*, 2008:95).

Em notícia publicada no Jornal de Lousada na sua edição de 19.10.1946 pode ler-se, a propósito deste marco: “(...) *por cima do Barroco, havia um marco em que estava gravada uma cruz (...). Examinei esse objecto com de lindagem ou demarcação com a atenção e a avidez de quem sente a inocente gula das coisas antigas (...)* e então vi, que esse paralelepípedo perfeito tem gravado no topo um N, e na face sul um cruza da Ordem de Cristo, circundada por uma circunferência (...). Quanto a mim, ele significa que a «honra» de Novelas, extinta no século XV, se estendia até ali, abrangendo toda a freguesia de Lodares, com excepção do lugar do Barroco (...).” O pároco da freguesia, Joaquim de Freitas (de Lodares), haveria de confirmar, adiante, que terão existido, até há poucos anos



**Figura 9.** Perspectiva interior da fachada Sudeste após a demolição das paredes interiores.



**Figura 10.** Perspectiva interior da fachada Sudoeste do Salão Paroquial após as obras de demolição, sendo evidentes os negativos das paredes internas (ao centro) e o arranque da parede da fachada Noroeste (direita).

[1946] marcos iguais nos lugares da Juía e da Poupa, onde Lodares confina, respectivamente, com Boim e Nespereira.

Já antes desta notícia, referindo-se à honra de Novelas e aos marcos que a delimitavam, Abílio Miranda (1943:5) havia escrito: “*Não sei, ao certo, em que época foi devassada ou descoutada a honra de Novelas; mas suponho ter sido na ocasião em que estas terras passaram à Ordem de Cristo, creio que por legado dum D. Lopo Dias de Sousa<sup>11</sup>, que foi*

<sup>10</sup> Carta Arqueológica: Cód. Inv. BOI8 / N.º Cart. 22. O marco foi removido da sua localização primitiva, na Mata dos Cardais, antes do início das obras da variante à EN106, encontrando-se actualmente depositado na propriedade do Sr. António Teixeira, em Boim.

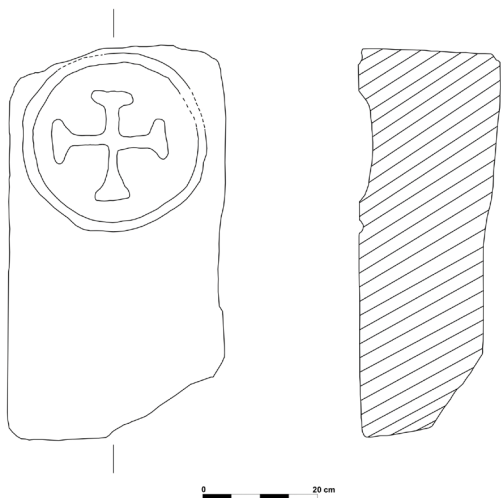


Figura 11. Representação do Marco de Propriedade da Ordem de Cristo detectado na fachada Noroeste do Salão Paroquial.

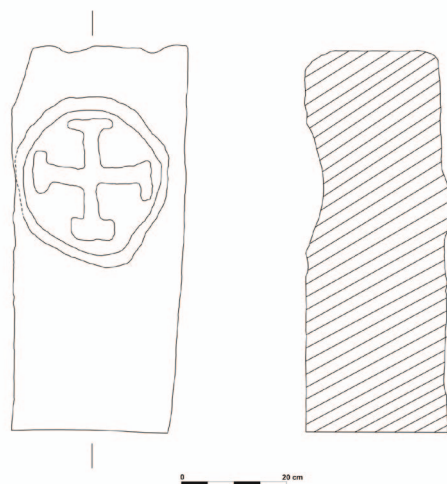


Figura 12. Representação do Marco de Propriedade da Ordem de Cristo proveniente da Mata dos Cardais (Barroco), detectado em 2007.

*Mestre da mesma Ordem. Transferidas as terras que constituíam a referida honra (...) à mencionada Ordem (...), em sucessivas rectificações de lindagens, os marcos foram apresentando os diversos tipos de cruzes usados como símbolos da Ordem de Cristo, através dos tempos”, conforme é possível observar através dos padrões inventariados até à data no actual concelho de Lousada, nas freguesias de Cernadelo, Alvarenga (Nunes et al, 2007:49-51; Nunes et al 2008; Cardoso e Silva, 2010:1); Caíde de Rei<sup>12</sup> (Nunes et al, 2008:97; Cardoso com. pess.) e Lustosa (Nunes et al, No Prelo).*

Assim, e embora se desconheça a localização primitiva deste Marco de Propriedade da Ordem de Cristo que delimitaria a *honra de Novelas* na raia entre Lodares e Nespereira, e que integrou, entre os finais do século XIX e os primórdios do século XX, uma profunda reformulação do edifício do Salão Paroquial que abarcou, nomeadamente as fachadas Noroeste, Nordeste e Sudeste do edifício, conferindo-lhe uma forma rectangular,

a similitude face ao marco proveniente da Mata dos Cardais, bem como as evidentes marcas de afeiçoamento com vista à sua adequação ao aparelho do edifício do Salão Paroquial, sugerem, efectivamente, estarmos perante o reaproveitamento físico de um segundo marco de propriedade da Ordem de Cristo, associado, portanto, à mesma delimitação territorial que incluiria, no concelho de Lousada, a freguesia de Lodares.

No que respeita às operações de desaterro, a necessidade de proceder ao rebaixamento do nível de circulação de toda a área do piso térreo, levou à escavação mecânica de todo o espaço interior do edifício, numa área aproximada de 540 m<sup>2</sup>. A esta área, e uma vez prevista a ampliação do edifício para poente, acresceram cerca de 150 m<sup>2</sup> de zona de desaterro correspondente à faixa de terreno contígua à fachada Noroeste, que se encontrava delimitada por um muro de sustentação de terras, com uma altura que oscilava entre 1 m e 1.20 m de altura.

<sup>11</sup> D. Lopo Dias de Sousa, sétimo e último Mestre religioso, canónico, da Ordem de Cristo, exerceu o cargo entre 1371(?) e 1417 (Silva, 1997).

<sup>12</sup> Este provável Marco de Propriedade foi inventariado na Carta Arqueológica de Lousada como “Estela funerária” (Cód. Inv. CAI3 / N.º Cart.25). A detecção posterior na área da freguesia de Caíde de Rei de outros padrões semelhantes (Cardoso, com. pess.) permitiu a correcção desta interpretação.



A estratigrafia registada revelou-se simples e conclusiva. Para além da presença de uma unidade superficial com cerca de 0,30 m de espessura, em média, composta por terras castanhas-escuras, algumas bolsas de cinzas, carvões e esparsos materiais cerâmicos, mormente telha de meia-cana, de cronologia Contemporânea, que se prolongava ao longo da face externa da fachada Noroeste do edifício e sob o piso da área nova do edifício, correspondente às divisões integradas no quadrante NO/NE, verificou-se que na área que se presumia correspondente à planta do edifício primitivo, as fundações das paredes exteriores e interiores do edifício, bem como os níveis de circulação, assentavam directamente sobre o nível geológico natural, não revelando quaisquer evidências físicas conotáveis com eventuais reformulações e/ou anteriores edificações que possam ter existido naquele mesmo lugar.

## 6. Considerações finais

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico das obras de restauro/requalificação do Salão Paroquial de Nespereira, que decorreram durante o último trimestre de 2009, permitiram coligar um conjunto de dados e vestígios inéditos que acrescentam, em alguns casos, e consubstanciam noutros, anteriores abordagens de cariz histórico à freguesia de Nespereira, mas também de Lodares, no quadro da administração eclesiástica da época Moderna e Contemporânea no concelho de Lousada.

Desde logo, após as acções de demolição e desaterro, constatou-se a verosimilhança das assumpções ditadas *a priori* pela análise estrutural e arquitectónica do edifício, no que à planta e cronologia do Salão Paroquial dizia respeito. Efectivamente, a constatação da ausência, naquele local, de vestígios arqueológicos anteriores, e a validação da contemporaneidade de todas as paredes duplas erigidas na área que

delimita a planta quadrangular do edifício, que foi considerado o primitivo espaço edificado, confirma tratar-se de uma construção erigida de raiz, durante a época Moderna, talvez, conforme se depreende da análise das fontes históricas (LVN - 1659-1766), entre os anos de 1742 e 1766, substituindo funcionalmente o edifício em ruínas que, dada a ausência de vestígios arqueológicos, deveria ter outra localização, possivelmente mais próximo da Igreja<sup>13</sup>.

Outro elemento que concorre para esta interpretação, prende-se com a existência, em algumas freguesias do concelho de Lousada<sup>14</sup>, de edifícios com funções e, sobretudo, características arquitectónicas similares, cuja edificação se crê contemporânea da do Salão Paroquial de Nespereira. Para o efeito, tomou-se como termo de comparação o edifício do Salão Paroquial da freguesia de Aveleda, uma edificação (reedificação?) Setecentista, conforme atesta a presença, na fachada nobre da construção, de uma inscrição memorativa: ANNO 1744. Efectivamente, e salvaguardando as devidas diferenças de concepção, nomeadamente em termos de área e volume construtivo, são reconhecíveis grandes semelhanças entre os dois edifícios ao nível das soluções arquitectónicas e estruturais adoptadas, desde os materiais litológicos empregues, até à estruturação das paredes interiores e das fachadas, consagrando um modelo construtivo que deverá ter sido replicado um pouco por toda a região durante, pelo menos, o século XVIII.

Por fim, e para além de uma epígrafe cuja contextualização não se revelou possível, é de salientar a detecção, numa das fachadas demolidas do Salão Paroquial, de um antigo marco de propriedade da Ordem de Cristo, reaproveitado como silhar. Trata-se de um padrão de proveniência desconhecida mas que, à semelhança de outros marcos já inventariados,

<sup>13</sup> Na década de 1980, durante a construção dos sanitários no adro da Igreja terão sido detectados os vestígios de uma presumível lareira e abundante material cerâmico associado, situação que poderá indicar a presença de uma estrutura habitacional.

<sup>14</sup> Veja-se, a título de exemplo, os casos das freguesias de Aveleda, Lustosa e Lodares.

deverá ter desempenhado a função de demarcação das propriedades da Ordem de Cristo<sup>15</sup> (freguesia de Lodares), nomeadamente na confrontação com as terras em posse da Igreja de Nespereira, significando o seu reaproveitamento, não apenas o fim da titularidade da Ordem sobre aqueles domínios, mas também a perda do valor jurídico e simbólico dos marcos que os delimitavam. Esta situação, que deverá ter ocorrido já durante o

século XIX, talvez depois da extinção das Ordens Religiosas masculinas, consequência do decreto de 30 de Maio de 1834<sup>16</sup>, justifica o posterior reaproveitamento e incorporação do marco na área Norte do edifício, precisamente aquela que irá, entre meados do século XIX e inícios do XX, sofrer uma ampliação que acabará por determinar a sua actual forma rectangular.

---

<sup>15</sup> É apenas a partir do século XV, com o fim da *honra de Novelas* e a aquisição das suas terras pela Ordem de Cristo, que vemos surgir na região Sul do Concelho de Lousada os primeiros marcos de propriedade com a característica iconografia da Ordem: Cruz de Cristo circundada por uma circunferência e sem qualquer epígrafe associada, sinal evidente do prestígio e reconhecimento explícito da sua simbologia (Nunes *et al*, 2007:51).

<sup>16</sup> Recorde-se que a Ordem de Cristo foi reformada em 1789, pela rainha D. Maria I, continuando formalmente como ordem monástico-militar até à sua extinção em 1834 (Neto, 1993:267).

## 7. Bibliografia

### Documentos Manuscritos

LVN - *Livro de Visitações de Nespereira*: 1659-1766. Fólio 67, 69, 70 e 71.

### Documentos Impressos

DMP - *Documentos Medievais Portugueses* (1940) - Documentos particulares. Vol. III. Doc. n.º 459. Lisboa, p.393.

PMH - *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1888-1897.

### Estudos

CARDOSO, C. e SILVA, E. (2010) - Igreja de Santa Maria de Alvarenga. Suplemento de Património da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 11. 3ª Série. N.º 71. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. p.1-4.

LEITE, J.; NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2006) - Sondagem arqueológica em Nespereira - Lousada: resultados preliminares de uma intervenção de emergência. *OPPIDUM*. N.º 1. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.11-45

MAGALHÃES, P. (2009) - Nespereira nas Memórias Paroquiais de 1758. *OPPIDUM*. N.º3. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.187-193.

MIRANDA, A. (1943) - Terras de Lousada: A «Torre dos Mouros». Lousada: Separata do Jornal de Lousada, p.3-7.

MIRANDA, A. (1944) - *A igreja Egítania: Nótulas Históricas do Concelho de Lousada*. Lousada: Separata do Jornal de Lousada, p.5-8.

MIRANDA, A. (1946) - Um caso curioso de toponímia. *Douro Litoral*. Segunda Série VI. Porto: Edição da Junta de Província, p.58.

MOURA, A.S. (2009) - *Lousada Antiga: das origens à 1ª República*. Vol. I e II. Lousada: Ed. Autor.

NETO, V. (1993) - O Estado e a Igreja. Do Antigo Regime ao Liberalismo. Mattoso, J. (Dir.) *História de Portugal*. Vol. 5. Lisboa: Círculo de Leitores, p.265-284.

NUNES, M. e LEITE, J. (2006) - Intervenção arqueológica no Cabeço do Outeiro (Nespereira). Suplemento de Arqueologia da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 7. 3ª Série. N.º 36. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.1-4.

NUNES, M.; SOUSA, L.; GONÇALVES, C.; e CARDOSO, C. (2007) - Marcos de Propriedade no concelho de Lousada: notas para a sua significação histórico-arqueológica. *OPPIDUM*. N.º 2. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.39-56.

NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008) - *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

NUNES, M. LEMOS, P. e LEITE, J. (No Prelo) - *A propósito de um Marco de propriedade da freguesia de Lustosa*. Lousada.

- NUNES, M. (2009) - A paisagem agrária do concelho de Lousada no século XIII: notas arqueológicas, toponímicas e documentais. *OPPIDUM*. N.º 3. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.47-74.
- NUNES, M.; LEMOS, P. e LEITE, J. (2010) - Acompanhamento arqueológico das obras de remodelação do Salão Paroquial de Nespereira: resultados da 1ª fase dos trabalhos. Suplemento de Arqueologia da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 11. 3ª Série. N.º 74. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. p.1-4.
- LOPES, E.T. (2004) - *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.285-286.
- SILVA, I.L.M. (1997) - A Ordem de Cristo durante o mestrado de D. Lopo Dias de Sousa (1373?-1417). In «Analecta Ordinum Militarium» - *As Ordens Militares no reinado de D. João I*. Vol. 1. Porto: Fundação Engº António de Almeida, p.5-126.

## Periódicos

JL- Jornal de Lousada (Semanário): Lousada. Edição de 19.10.1946.